



SEMANA DE
PESQUISA
& **MOSTRA DE IC**
DO CECULT 2022

13>14.10.22
SANTO AMARO>BA

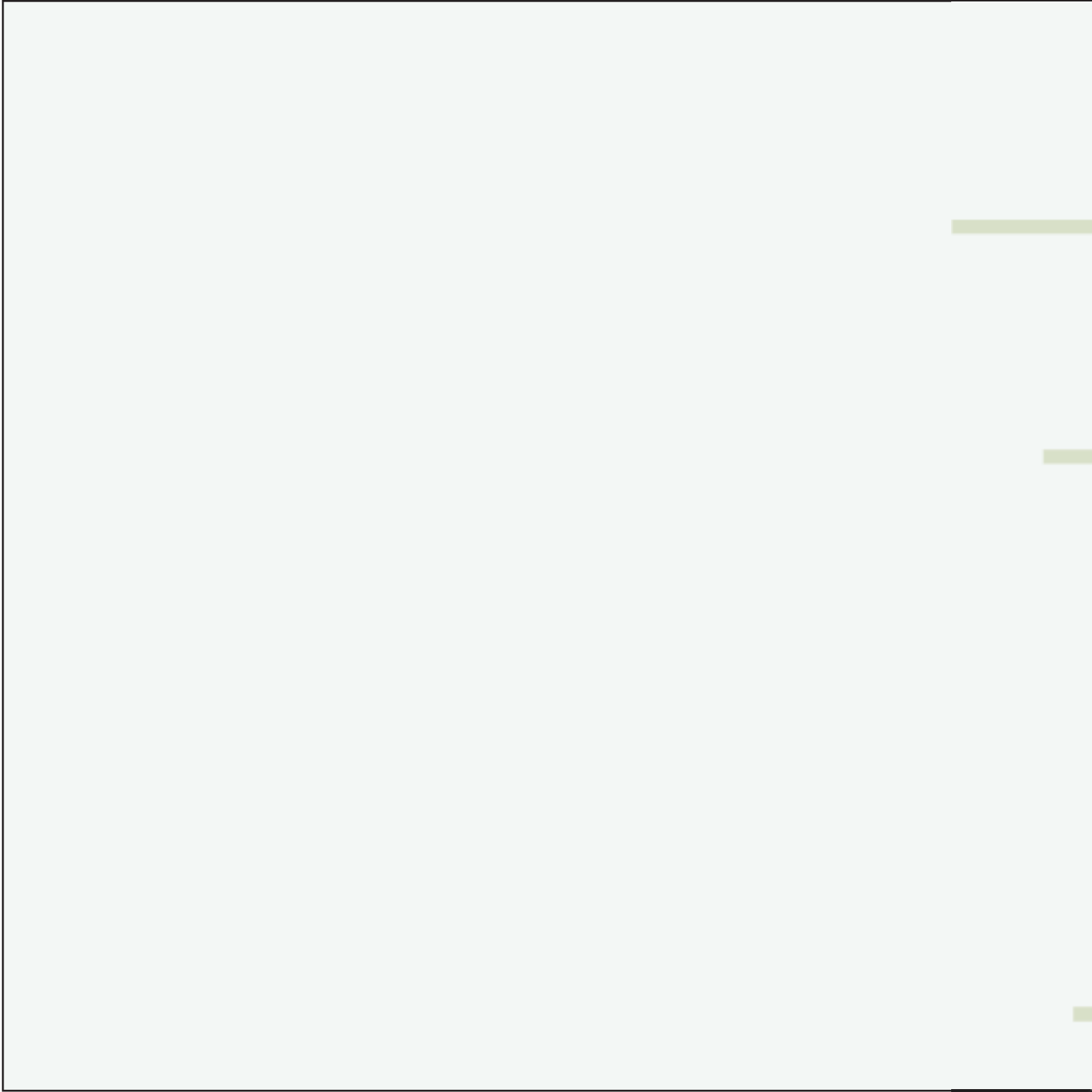
CADERNO
DE RESUMOS
PIBIC

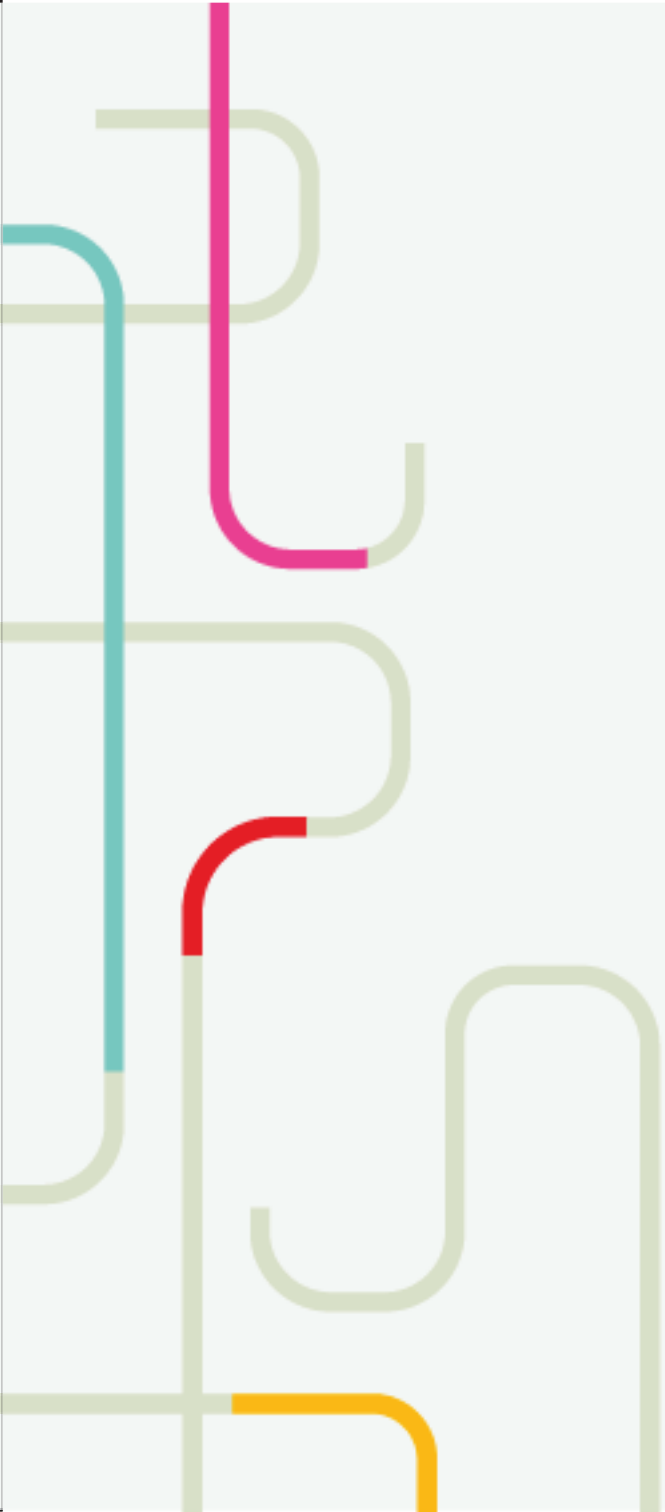


CECULT UFRB
Centro de Cultura, Linguagens
e Tecnologias Aplicadas



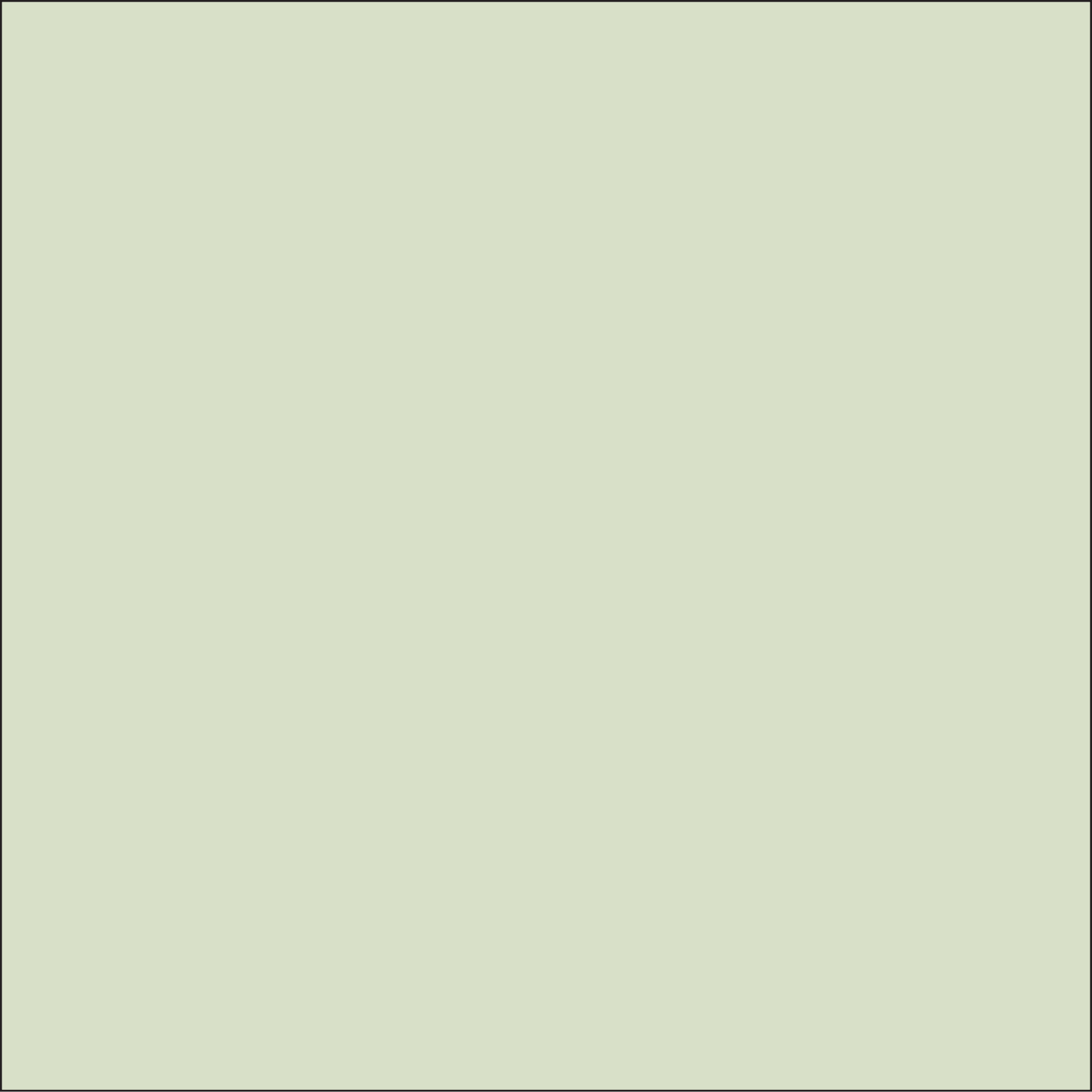
UFBA
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia





SESSÃO I

Literatura e Artes



Estudos críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo Baiano: as Mulheres Sagradas de Aidil Araújo Lima

Ailton Queiroz Fraga Junior
Rubens da Cunha
PIBIC UFRB

Entre 2016 e 2020 executamos o projeto de pesquisa “Mapeamento e estudos críticos das literaturas do Recôncavo Sul”. Além do mapeamento, foram feitos diversos estudos críticos que resultaram na publicação de artigos, apresentações em congressos, e servirem de base para componentes ministrados na graduação e pós-graduação no CECULT, bem como oficinas de criação literária. O projeto de pesquisa “Estudos críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo Baiano” está dando continuidade a esse trabalho, porém, focando nos estudos críticos das obras dos escritores mapeados pelo projeto anterior. Nosso mapeamento já reuniu cerca de 30 nomes, muitos deles com vários livros publicados. Com esse projeto, aprofundamos nossos estudos críticos e teóricos, estabelecemos um canal entre os escritores atuantes no Recôncavo e a Universidade, bem como propomos atividades e publicações para serem um espaço de divulgação dessas obras para público leitor. Roland Barthes (1980) diz que a literatura “assume muitos saberes” e que também ela “não sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa”. Esse saber é independente, individual e se revela a cada leitura e a cada leitor. Cabe ao estudioso da literatura entrar no livro não apenas de mente aberta, mas de corpo aberto. Ler é sentir também pelo tato, pela sensação. Neste trabalho

apresentamos um estudo sobre o primeiro livro de Aidil Araújo Lima, *Mulheres Sagradas*, lançado em 2017 pela Portuário Atelier Editorial. Aidil é uma escritora negra nascida no recôncavo baiano, especificamente no distrito de Belém de Cachoeira. Formada em Filosofia e Jornalismo, foi professora e atualmente dedica o seu maior tempo para a escrita. Tendo por base estudos sobre literatura negro-brasileira (CUTI, 2010) e marcas da diáspora, religiosidade, ancestralidade, bem como os enfrentamentos as estruturas racistas da sociedade, (KILOMBA, 2019) (FREITAS, 2016) (AUGUSTO, 2018), trazemos alguns exemplos de seus contos que demonstram como a literatura de Aidil critica profundamente a sociedade racista e patriarcal. Fundamentamo-nos também em alguns textos teóricos que se interligam com os temas dos contos, como “Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira”, de Eduardo David de Oliveira e o artigo de Nilma Lino Gomes, “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, uma breve discussão”. Esse ensaio foi escrito para compor o 2º Caderno Trilhos – Coleção Literaturas do Recôncavo, dedicado à obra de Aidil Araújo Lima e a ser publicado na Revista Trilhos (revistatrilhos.com).

Arte-educação e as identidades pós-modernas

Ana Larissa Cruz D´Ajuda
Roney Gusmão
FAPESB

Para Hall (2006), Lipovetsky (2004), Foucault (2014) e outros intelectuais contemporâneos, o conceito de identidade é instável e plural. Essa constatação nos é relevante porque a profusão de apelos visuais na pós-modernidade contribui para a desconstrução e diluição das identidades. Hall (2006) sugere que as relações de poder imbricadas no capitalismo globalizado contribuem para a construção fragmentada de identidades, o que também impacta o comportamento dos sujeitos. Nesse sentido, o debate em torno das identidades pós-modernas nos tem ajudado a interpretar os discentes que temos pesquisado, sobretudo no que diz respeito às aulas de artes. A partir do repertório teórico que pesquisamos, foi possível constatar uma ampla fluência identitária entre os alunos, realidade que atravessa as experiências estéticas e as relações de pertencimentos mediadas pelas visualidades. Para desenvolvimento desta pesquisa, realizamos pesquisas semi-estruturadas com 120 alunos do Ensino Médio de uma escola estadual de Santo Amaro, tendo por objetivo interpretar discursos a respeito dos apelos estéticos experienciados em redes virtuais. Também realizamos uma pesquisa-ação, quando tivemos a oportunidade de desenvolver atividades em sala de aula sobre a abordagem das redes sociais em arte-educação. Por meio da realização do

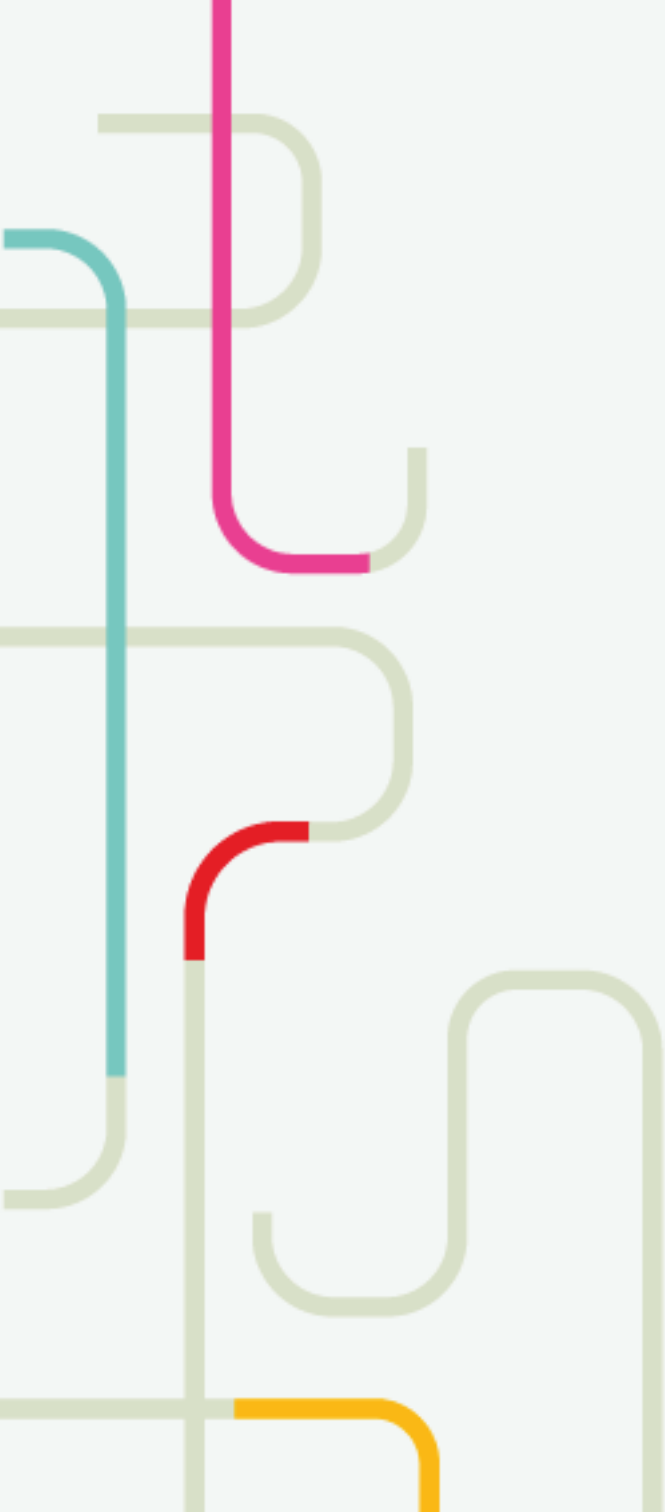
percurso metodológico que aqui implementamos, observamos também uma enorme relevância da virtualidade na formação das identidades contemporâneas e na mediação das relações sociais e estéticas dos sujeitos. Assim sendo, pomos em prática a proposta triangular de Barbosa (1999), tendo em vista levar em consideração tais referências estéticas, mas sem perder de vista a necessidade de pautá-las como dotadas de discursos políticos cujos dizeres carecem de problematizações. Por fim, observamos que 97% dos entrevistados percebem que a arte não cabe somente a museus e galerias de referência eurocêntrica. Os jovens notavam a arte muito adiante: nas paredes das ruas, em comerciais, nos conteúdos de influencers nas redes sociais, na cesta de palha vendida na feira, arquitetura e organização da cidade, na música de artistas que são acompanhados em plataformas de streamns, filmes nacionais e do exterior, séries, etc. Portanto, ao admitirem a relevância da arte-educação, discentes pesquisados nos alertam sobre possibilidades de um trabalho interdisciplinar em artes que desperte o olhar crítico sobre as seduções que abundam na vida pós-moderna e sobre os meandros de identidades cambiantes que bem caracterizam as relações sociais contemporâneas.

Movimentos sociais no Brasil: reflexões literárias

Iuri Nobre dos Santos
Jamile Guerra Fonseca
FAPESB

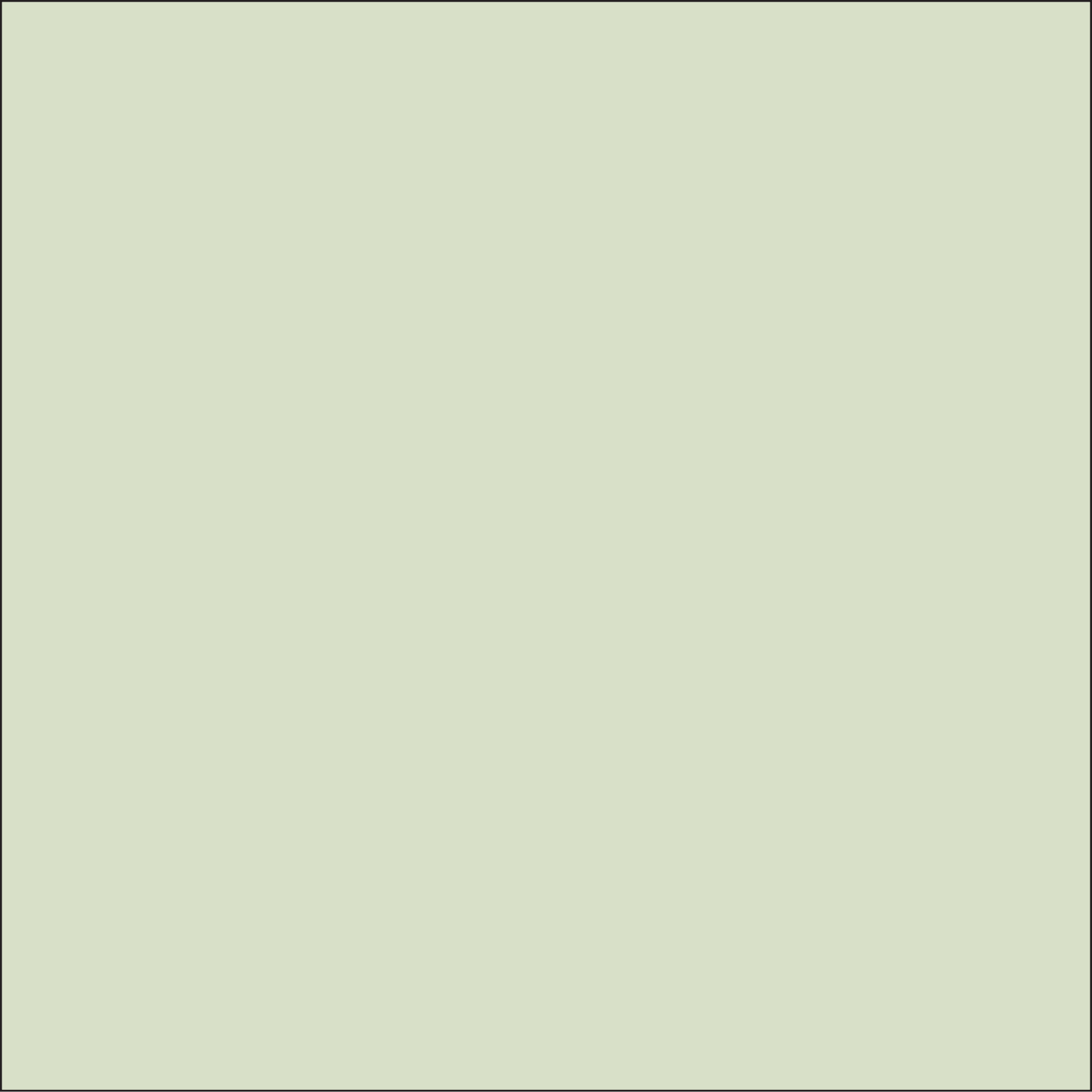
Os perfis dos Movimentos Sociais no Brasil e suas re-existências no cenário nacional através de suas manifestações a exemplo do Movimento Negro Unificado, Movimento Indígena, Movimento Sem Terra (MST), entre outros em bastante evidência no Brasil em virtude de sua militância forte e vigorosa, obtiveram consideráveis conquistas ao longo do percurso, entretanto muitos obstáculos se apresentam para que de fato todo esse Movimento solucione suas pautas. Portanto, indaga-se sobre seu modo de organização e articulação atual na sociedade de modo a buscar a melhor compreensão sobre suas lutas, desafios e caminhadas. O objetivo deste estudo foi descrever os principais modos de organização dos Movimentos Sociais no Brasil. Pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfica que englobou a leitura e a seleção de periódicos nas Bases de Dados Scielo e Portal de Periódicos Capes os quais foram propagados entre os anos de 2016 a 2021 Todos os materiais utilizados através do levantamento bibliográfico, passaram por leitura exaustiva do material e fichamento; em seguida, recrutamos em núcleos por afinidades e foi construído o resultado da pesquisa. Resultados: O movimento feminista é extenso e atua na salvaguarda de questões de gênero, questionando sistemas culturais e políticos produzidos a partir das práticas desiguais de gênero; movi-

mento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é resultado de uma questão agrária que é substancial e histórica no Brasil, nascendo da organização das lutas pela terra; o MTST é um movimento de exercício territorial pela busca por moradia digna, objetivando estimular um procedimento mais abrangente de luta por uma nova cidade; a criação do MNU emerge com o intuito de unificar a luta e fortalecer as organizações anti racistas. No Brasil, os movimentos sociais visam estabelecer a pauta principal da democracia, e são de fundamental importância quando se trata do exercício da cidadania no Democrático de Direito. Sua organização tem ocorrido em torno de pautas sobre os direitos dos grupos considerados mais suscetíveis em diversos contextos. A literatura atual sobre movimentos sociais vêm abordando a redoma de manifestações coletivas, a partir dos mais diversos aspectos, considerando ainda o entendimento de que tais movimentos no decorrer do tempo, história e contexto geográfico se tornam mais ou menos flexíveis, vulneráveis ou ágeis em suas táticas e resoluções.



SESSÃO II

Música e Cidade



“Sou uma mas não sou só”: a perspectiva interseccional das artistas Rachel Reis e Sued Nunes na cena musical decolonial de Salvador

**Juliana Carolina Santos Silva
Nadja Vladi Cardoso Gumes
PIBIC UFRB**

O trabalho trata sobre algumas análises de trabalho das artistas Rachel Reis e Sued Nunes, numa perspectiva interseccional, abordando o conceito de cenas musicais, gêneros musicais, identidade e religiosidade, que permeiam a música por elas produzidas. A atual cena de música pop de Salvador sendo território decolonial, de acolhimento a essas artistas mulheres negras que são do interior da Bahia, se tornou palco para dar visibilidade a seus trabalhos que estão ganhando projeção no Brasil. O experimentalismo de sonoridades da Rachel Reis, vai desde a MPB, o afrobeat, ijexá, arrocha e pagodão baiano que está conquistando o público pelo país. A cantora é de Feira de Santana, na Bahia, onde começou a cantar em bares desde os 18 anos, e somente no ano de 2021 lançou o seu primeiro EP “Encosta”, após ter soltado algumas músicas autorais. Suas raízes familiares tem a sua mãe Maura Reis como cantora de seresta e a irmã Sara Reis, cantora de forró, o que revela um hibridismo nas influências que carrega. No videoclipe da canção “Maresia”, já conta com mais de 323.000 mil visualizações no canal oficial do YouTube, e mescla sonoridades do pop e arrocha, misturando alguns beats de música eletrônica, caracterizando rumos que a musicalidade do sul global vem experimentando. Ela ressalta o dia a dia de trabalhadores que realizam travessias de

barco e ao final do dia, vão se divertir nas serestas. Recentemente Rachel Reis foi indicada ao Prêmio Multishow 2022 na categoria Revelação do ano diante do crescimento da artista ao longo dos últimos anos desde o seu primeiro lançamento da canção “Ventilador”. Sued Nunes é cantora e compositora natural de Sapeaçu, mas que vive na cidade de Cachoeira, ambos localizados no Recôncavo Baiano. Ganhou destaque na cena com o seu primeiro álbum “Travessia” por abordar a ancestralidade africana, feminismo negro e religiosidade, reivindicando o espaço de mulheres negras de periferia que sonham e desejam trabalhar com a música. A artista evidencia sua identidade (Hall, 2003) e abre o álbum ao falar da diáspora forçada em “Travessia” (canção que intitula o álbum). Utiliza também um áudio com a voz de sua mãe explicando a escolha e o significado do nome “Sued”, que de trás para frente forma a palavra “Deus”. No videoclipe de “Velejo”, a cantora está num barco, falando do desejo de voltar às raízes no navio que já não é negreiro, e sobre o corpo ser memória. Os ritmos dos blocos afro, afrobeat, música eletrônica, religiosidade de matriz africana compõem a musicalidade dos seus trabalhos. Rachel Reis e Sued Nunes fazem parte do que segundo Rufino (2019) afirma sobre as encruzilhadas, é o fato de promoverem a reinvenção no Atlântico, mesmo após a travessia de pessoas na diáspora forçada para escravização, fazendo a música que na perspectiva do sul global vem sendo entendida como cenas decoloniais (Queiroz, 2019) nos territórios onde os atores sociais frequentam e contribuem com a ascensão e visibilidade das artistas.

Dez anos de e-music no Rio Vermelho: a cena eletrônica local de 2004 a 2014

Natan Candido Silva
Tatiana Rodrigues Lima
Cláudio Manoel Duarte de Souza
FAPESB

A pesquisa nasceu de um desejo de investigar como ocorre a cena de música eletrônica de pista da cidade de Salvador, focando principalmente nos gêneros e subgêneros da House-music e do Techno, tendo em vista que, graças a internet, esses gêneros musicais vêm ganhando cada vez mais espaço e relevância no cenário brasileiro. Dessa forma, o trabalho trata dos principais eventos de música eletrônica que ocorreram no bairro do Rio Vermelho, em Salvador-BA, no período entre 2004 e 2014, refletindo principalmente sobre como a territorialidade desse bairro tem papel essencial na cena de música eletrônica da cidade, especificamente porque esse território – as casas noturnas do Rio Vermelho – tiveram agência na cena, principalmente porque o bairro é considerado um lugar da boemia, receptivo às músicas underground, de nicho e mainstream e sede de bares e restaurantes dedicados ao entretenimento noturno em geral, constituindo um ambiente propício para o funcionamento de clubes e casas noturnas voltadas para a “música dançante”. A partir da noção de cena musical, a pesquisa aborda as festas pioneiras, realizadas semanalmente pelo coletivo Pragatecno por períodos superiores a um ano e seus desdobramentos. Investiga como esses eventos promoviam uma territorialização de casas noturnas, sendo sucedidos por outras festas de e-music

e pela abertura de casas noturnas dedicadas à música de pista, a partir de 2009. Para isso, foram utilizados métodos como: mapeamento e levantamento de todos os clubes que fizeram parte desse período estudado, além de entrevistas semiestruturadas com os djs, promoters e participantes dessa cena. Com o avançar das pesquisas, percebeu-se que a cena de música eletrônica estudada inclui símbolos da cultura eletrônica global, uma vez que os dois gêneros executados nas pistas do Rio Vermelho estão presentes em clubes situados em outros países do norte e sul globais. Nas conclusões, discutimos as transformações da cena, comparando os eventos realizados pelo coletivo Pragatecno nos primeiros anos com as festas posteriores. Infere-se que as primeiras festas tinham um caráter independente e experimental, mais próximo do underground, principalmente pela sua forma de produção - envolvendo integrantes da cena que tinham como objetivo criar um território para ouvir e dançar os gêneros de sua preferência. Em seguida, as festas organizadas por proprietários dos clubes apresentam um caráter mais comercial, o que indica a intenção dos empresários e promoters em comunicar mais diretamente sua proposta a um nicho estável de mercado, numa estratégia mercadológica mais incisiva.

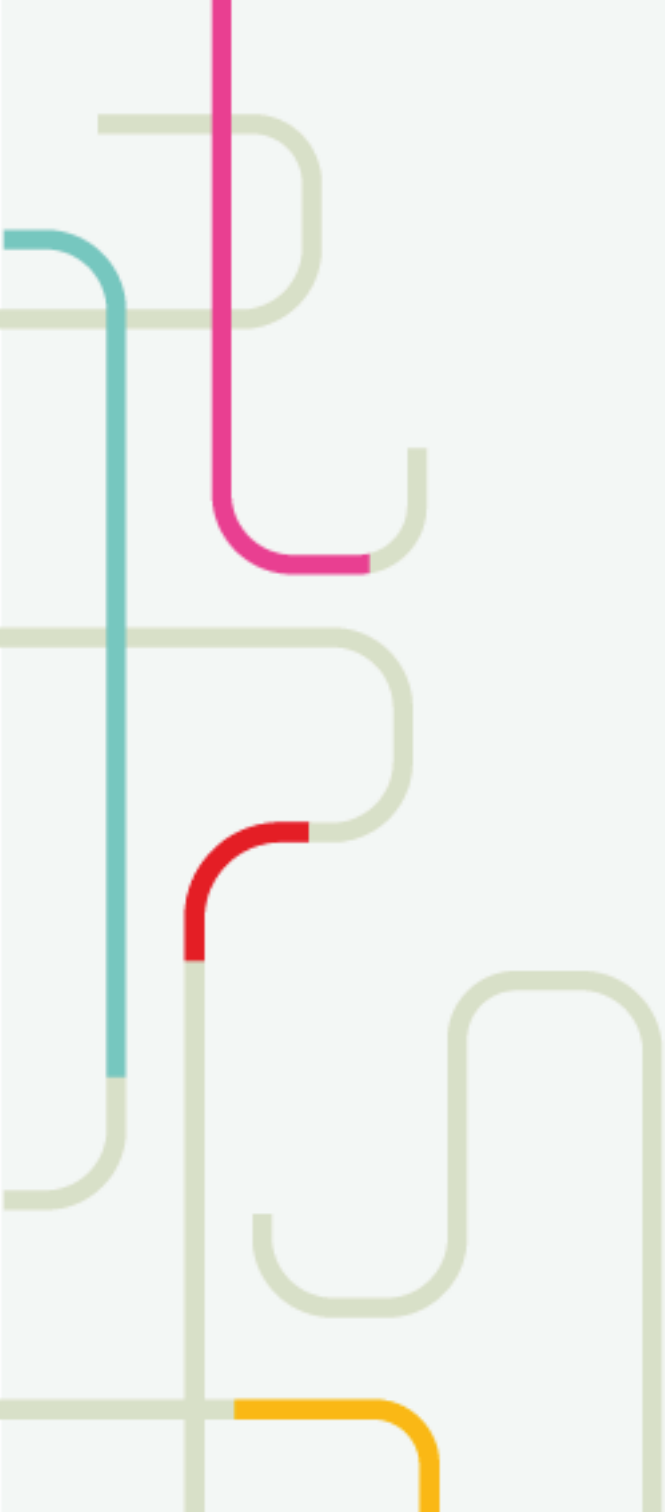
Errância, nomadismo e política na cidade-meio

Vanda de Oliveira Reis

**Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa
CNPQ**

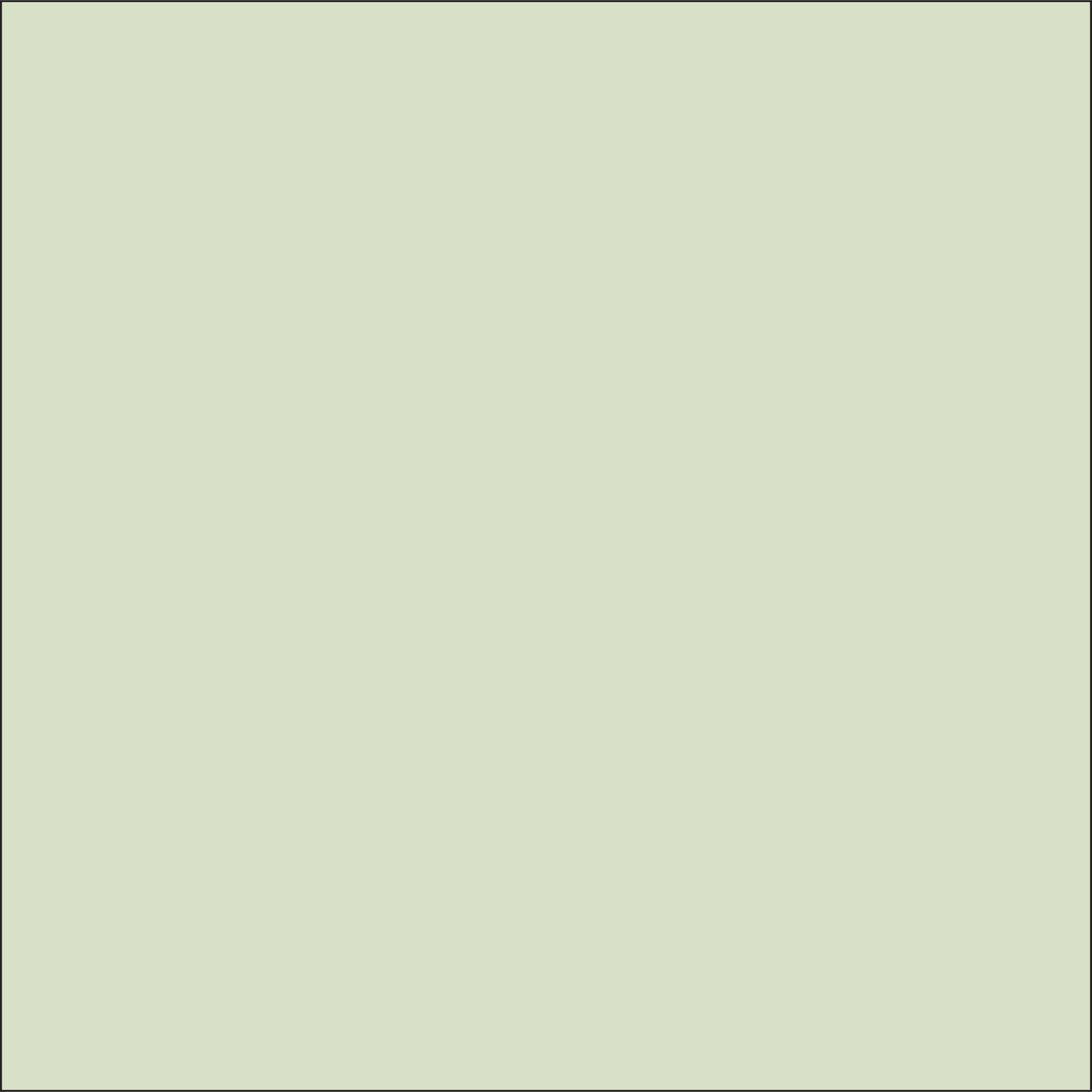
A pesquisa investiga os processos de construção e redefinição das espacialidades constitutivas da cidade entendida como meio comunicativo. Dentro dessa perspectiva, busca-se apreender a maneira pela qual artistas circenses que trabalham nos semáforos se articulam como errantes da cidade. Segundo Jacques (2014), os errantes constroem percursos que não são ensinados nem formatados pelas mídias, muito menos pelo paradigma hegemônico. A experiência errante é uma possibilidade de alteridade que, por sua vez, mostra-se e organiza-se por meio das narrativas errantes. Por meio delas, é possível apreender como esses sujeitos vivem, sobrevivem e coexistem em contraposição com o formal da lei e o campo disciplinar. Tais narrativas são elaboradas entre os percursos lisos e residuais da cidade – assim como contribuem para diferentes formas de alisamento do tecido urbano –, e as frestas, as margens e os desvios de outros ambientes. O trabalho de campo foi desenvolvido por meio da observação participante no município de Salvador/Bahia, em junho de 2022. Segundo Ingold (2017), tal estratégia implica entrar em consonância com a temporalidade do outro e pressupõe uma relação eminentemente dialógica, em que o próprio investigador é transformado ao longo do processo de interação. Com isso, foi possível estabelecer contato com dois malabaris-

tas/ equilibristas – um homem e uma mulher –, que trabalham, em média, quatro vezes por semana em semáforos, exposições e feiras. Esse encontro foi registrado por meio de fotografias e gravação de áudio. Como resultados preliminares, foi possível apreender que: 1. trabalhar na rua é uma opção para esses profissionais; 2. a arte é considerada uma ferramenta de transformação pessoal e social, e não apenas um meio de sobrevivência; 3. a violência se manifesta por meio da omissão do Estado quanto aos direitos desses trabalhadores e do descaso/ indiferença de boa parte das pessoas que transitam pelos semáforos. Dessa forma, a arte circense funciona como um objeto modal nas narrativas errantes, pois é ela que propicia a transformação dos sujeitos. Além disso, por meio dessa atividade, é possível não apenas entrar em conjunção com a subsistência mas, sobretudo, com uma cidade mais humana. Por outro lado, questões relacionadas à violência de gênero não foram citadas pelos entrevistados, o que não significa que ela não exista. Por fim, cumpre destacar que o modo como a cidade é continuamente redefinida pela presença dos errantes é reveladora, mas estrategicamente invisibilizada pelos sistemas institucionais e pela arquitetura formal das cidades.



SESSÃO III

Cinema, Música e Artes



“O serviço de entregas da Kiki”: protagonismo feminino no cinema de animação

Alexia Oliveira da Silva
Maiara dos Santos Dias
Paula Alice Baptista Borges
FAPESB/ PIBEX

O filme de animação japonês “O serviço de entregas da Kiki”, foi lançado no ano de 1989, pelo Studio Ghibli, roteirizado, produzido e dirigido por Hayao Miyazaki, sendo uma adaptação do livro “Entregas Expressas da Kiki” da autora Eiko Kadono. O filme conta a história de uma bruxa, Kiki, que está prestes a completar treze anos e, seguindo a tradição do mundo bruxo, deverá sair de casa por um ano para aperfeiçoar as suas habilidades mágicas, nesse período ela tem que mudar de cidade e descobrir a habilidade que seguirá na vida como bruxa. Na contramão de muitos dos animes que conhecemos, que traz como protagonista uma figura masculina e retrata o feminino de maneira estereotipada e hiper sexualizada, o referido filme traz como protagonista uma garota e por não haver um vilão, o anime gira em torno das emoções e vivências da personagem principal, trazendo questões como independência, insegurança, liberdade feminina. A metodologia utilizada prevê a análise do anime “O serviço de entregas da Kiki” associada a leituras de material bibliográfico, visando a fundamentar uma reflexão crítica acerca do protagonismo feminino no cinema de animação recente. Uma das leituras fundamentais para este trabalho é o livro “A jornada da heroína”, de Maureen Murdock, que faz referência e revisa, desde o seu título, a já consagrada jornada

do herói, que diz respeito a um modo de estruturar uma história, criado em 1949 pelo antropólogo Joseph Campbell, que leva em consideração os desafios enfrentados pelo herói. Um determinado tipo de desafio. Este trabalho é um dos resultados da pesquisa desenvolvida no Projeto CRICA – Criar para Criança (crítica e reflexão sobre experiências artísticas multidisciplinares para ou a partir da infância), que desde 2020 se debruça sobre o cinema de animação, através de práticas de pesquisa e criação artística, sob orientação da Profa. Dra. Paula Alice Baptista Borges.

Cinema e educação: a pedagogia como gesto de criação

Alcilene Oliveira Santos

Ludmila Moreira Macedo de Carvalho

CNPq

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa “Cinema e educação: a pedagogia como gesto de criação”, parte das ações do Cinececult – Laboratório de Apreciação e Análise do Audiovisual do CECULT - Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), projeto de pesquisa e extensão criado e coordenado desde 2018 pela professora Ludmila Carvalho. O projeto tem como objetivo geral contribuir para as investigações acerca das relações entre cinema e educação, a partir de pesquisa de caráter teórico-prático no campo da pedagogia da imagem. Desta forma, marca-se a indissociabilidade do projeto de pesquisa com a Extensão Universitária na medida em que este tem como objetivo promover um processo formativo continuado para os discentes a partir do seu protagonismo na concepção, elaboração e execução das atividades de pesquisa que possam ser aplicadas e multiplicadas nos espaços educacionais da cidade de Santo Amaro da Purificação. Em 2021, o Cinececult promoveu de forma remota sua I Oficina de Cinema e Educação, curso de extensão voltado principalmente para a capacitação de professores e professoras da rede básica de ensino na região do Recôncavo baiano. A partir dos resultados práticos da oficina, aliados à pesquisa e ao levantamento bibliográfico realizado, foi

elaborado o material didático “Cinema e educação: a pedagogia como gesto de criação”, cartilha que tem como objetivo apresentar um material pedagógico para auxiliar no desenvolvimento de metodologias ativas de ensino através da linguagem Audiovisual. O material consolida, através de uma linguagem simples e direta, o trabalho de pesquisa e investigação acerca das práticas e metodologias de trabalho com cinema e educação, visando principalmente auxiliar os professores e professoras que pensam em trabalhar o cinema em suas salas de aula, fazendo uso de dispositivos comuns à nossa rotina diária, como o celular, por exemplo.

Palestras-performances na Bahia: performatividades, dispositivos e discursos

Sandra Bulcão Passos
Lia da Rocha Lordelo
CNPQ

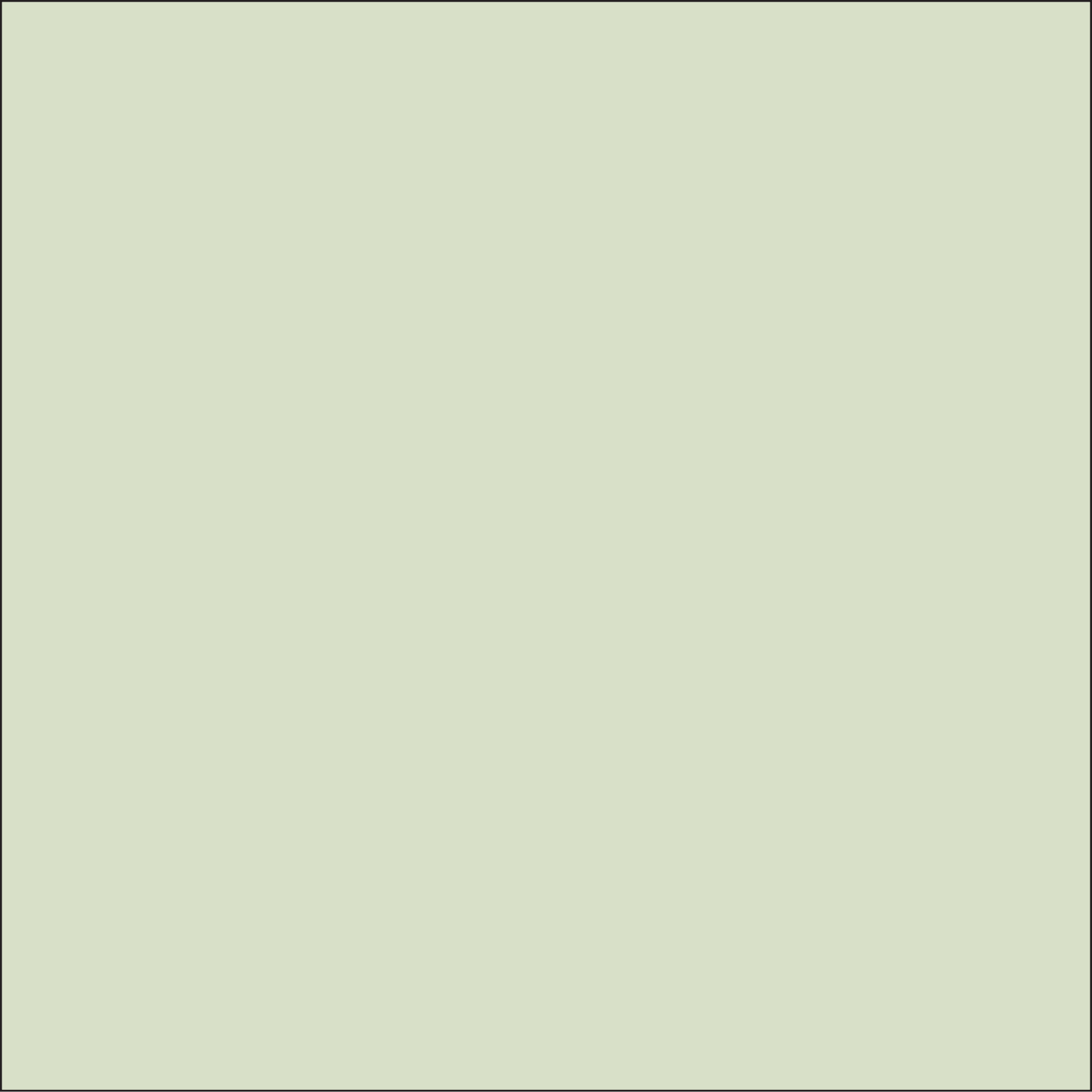
As diferentes linguagens artísticas se relacionam se inter cruzam e potencializam a Palestra -performance, que pode ser entendida como uma prática artística, que atua nos processos do conhecer, partindo sempre de uma pergunta. Uma espécie de encantamento que dá vida aos arquivos históricos, documentos, informações científicas e narrativas biográficas. A Palestra- performance pode ser um conteúdo, um tema, um objeto, contextualizado no movimento do performar, na expansão de sua prática. O objetivo desta pesquisa foi analisar e descrever os formatos da Palestra-performance, assim como na sua natureza investigativa, expositiva, explicativa, de denúncia, política, cultural e social, em especial de duas performances baianas: “Isto não é uma mulata” de Mônica Santana, e “Bola de fogo”, de Fábio Osório Monteiro. As obras foram assistidas, debatidas e confrontadas com textos conceituais no campo das artes do corpo e da cena. Foi possível perceber que se trata de duas obras que apresentam dimensões didáticas apontando referências intelectuais e dimensões discursivas com vias de afirmação que se distanciaram do que é clichê (ora teatro, ora rotina, o real e o cênico). A performance “Bola de fogo” de Osório traz a questão da travessia do tempo real e do tempo performado, o artista que inicialmente sobrepõe a lógica da apresentação.

Existe um performar do lugar da fala, Teatro versus Dança, ator bailarino, a performance mostra a figura do palestrante e do artista, carregando um discurso acerca de gênero, sexualidade, lugar de ocupação e dentre outras discussões, o artista negro que muda para continuar resistindo. A performance “Isto não é uma mulata” de Mônica Santana revelou uma narrativa meio performance, meio teatro, nutrida de sinônimos, trazendo um discurso didático sobre a preta que não é tão preta. O tom da pele e suas ocupações no entendimento da grafia da mulata, a mulher como estandarte da “beleza” erotizada para continuar servindo e sendo o cartão de visita que dá lucro. A mulher negra sendo objeto da definição pejorativa de menos preta. Duas obras que têm elementos performativos e cênicos que não estão presentes na função de simples instrumentos subordinados. A Palestra- performance tem um vasto território tanto na esfera crítica quanto na prática crítica com características híbridas e ambivalentes.



SESSÃO IV

Música e Literatura no Recôncavo



Rap Feminino no Recôncavo Baiano/olhar sensível para as obras de Mc Jayne de Cachoeira

Luis Ricardo Soares Santana
Nadja Vladi Cardoso Gumes
PIBIC UFRB

Esta pesquisa pretende analisar a produção musical de MC Jayne natural da cidade de Cachoeira no recôncavo da Bahia, que inclusive claramente busca valorizar este território, já que em muitas de suas produções audiovisuais a cidade aparece como pano de fundo . Nosso propósito é apresentar a trajetória da artista, explicando um pouco de suas produções e primeiras apresentações ao vivo e os meios de divulgação das obras da Mc Jayne, seus principais patrocinadores/colaboradores, gravadoras e demais ferramentas que a artista utiliza para construir seu trabalho. Iremos procurar investigar qual uso que Mc Jayne faz dessas plataformas digitais, como Spotify, Youtube e até do próprio instagram em que a mesma divulga eventos presenciais e lançamentos de músicas nos meios citados anteriormente. Observou-se com atenção as estratégias de divulgação da artista, já que percebemos que algumas produções não circulam em todas estas plataformas. Olhou-se a artista também quanto artista, dialogando Mc Jayne com o artigo de activismos musicais de gênero e suas interfaces comunicacionais, já que a cantora denuncia explicitamente violências de raça e gênero em suas músicas. Nesta pesquisa nos interessa pensar questões de gênero e raça presentes no rap da cantora e veremos observar como se dá a teoria de interseccionalidade no

trabalho de Mc Jayne especificamente e de outras possíveis cantoras deste gênero musical que serão brevemente mencionadas ao longo deste trabalho, que mesmo fugindo do jargão acadêmico, denunciam questões complexas da sociedade justamente por serem acidentadas por essas avenidas identitárias que formam essa encruzilhada que são. Pegando o gancho da sensibilidade analítica proposta por Carla Akotirene em interseccionalidade iremos por fim identificar o arquétipo da divindade Oxum presente na arte de Mc Jayne que performa a figura da Diva, que é um termo derivado do latim cuja tradução seria deusa, mas que teve esse conceito amplamente divulgado pelas cantoras do mundo pop norte americanas e incorporado em artistas brasileiras como é o caso da nossa rap de Cachoeira no processo de transculturação. E como forma de resgatar a origem do conceito de Diva, neste momento trarei um Itã que descreve como a deusa Oxum se tornou a Iyalodê (senhora do poder feminino) após ter reivindicado a presença das divindades femininas, que antes eram proibidas de participar dos conselhos que iriam decidir sobre as questões da humanidade, e que a partir dessa narrativa iremos se inspirar, e fazer um link direto com a supremacia masculina no rap observada e questionada pela nossa cantora quando canta: “No movimento tem mais mano e tem poucas mina” em sua música “Mina Favelada”, aqui também fizemos um link com outras cantoras negras de rap que apesar de estarem em territórios diferentes, compartilham das mesmas indignações da Mc Jayne. E que a cantora ao ocupar este espaço do rap, que é um gênero musical estruturado pelo cisheteropatriado, tenta destruí-lo de dentro para fora como a água que se infiltra em estruturas sólidas levando-as à ruína. Além da autoestima proporcionada pelo espelho de Oxum que se mostra fortemente presente nos versos da cantora, ela mostra em seu arquétipo da potente possibilidade de “ser mãe sem deixar de ser mulher”, que é o caso da Mc Jayne, por ser mãe e cantora nos mostra que uma

coisa não anula a outra, que ser mãe de uma menina não impossibilita a cantora de se expressar artisticamente. De acordo com a própria Carla Akotirene que diz que - “aprendemos com Osum a transpor poderes patriarcais e nos impor sem perder a doçura, a maternidade e voz pública”; E é exatamente esse movimento de imposição que Mc Jayne faz, sendo mãe e com isso exercendo essa maternidade, em sua música que teve também um vídeo clipe para acompanhar - “Garota Atraente” em que ela diz que seu jeito delicado e atraente a levanta deixando-a poderosa e com isso não dá moral para esses caras aí safados, e é importante enfatizarmos a quebra de um violento e limitante estereótipo quando Mc Jayne afirma sua delicadeza, já que existe uma espera de força física acima do comum de corpos pretos independente do gênero. Este é um pequeno exemplo das diversas análises e diálogos que serão feitos com algumas das músicas da cantora, como é o caso da própria fertilidade de Oxum que vai muito além de parir um filho físico, já que a própria cantora também afirma ter uma mente fértil e criativa quando canta em “Mina Favelada”: “Já dizia Mano Brown na disciplina, do lixão nasce flor e da minha mente nasce rima.” Portanto, é notório a importância da arte da Mc Jayne para divulgação e valorização de Cachoeira no recôncavo da Bahia; De sua presença questionadora quanto mulher, negra, gorda, mãe, favelada e natural nesse lugar do rap que apesar de potente por questionar questões ligadas a raça, ainda carrega suas contradições justamente pela supremacia masculina e cisheteronormativa que infelizmente carrega, graças a toda cultura do cisheteropatriarcado que está enraizado na nossa sociedade.

Orquestra do Recôncavo Baiano, a Orquestra Reggae de Cachoeira

**Gilvan Gonçalves dos Santos Costa
Nadja Vladi Cardoso Gumes
CNPQ**

A Orquestra Reggae de Cachoeira, projeto fundado desde de 2012 pelo professor de música, o trompetista Flávio Santos, coloca em junção duas tradições culturais marcantes da região: o instrumental da filarmônica e o reggae. A Orquestra Reggae tem como inspiração o município de Cachoeira e suas diversas manifestações culturais, sua riqueza histórica e musical. O grupo tem enfoque na musicalidade, expressão de sentimentos, como um meio de espiritualidade e propõe um repertório de arranjos próprios da qual as poéticas destinam-se às heranças ancestrais do reggae e, de certa forma, aos povos escravizados que vieram para o Recôncavo baiano. Com instrumentos como bateria, guitarra, contrabaixo, flauta, clarinete, sax alto, sax tenor, sax soprano, trompete, trombone, o grupo apresenta composições do jamaicano Bob Marley (1945-1981) em uma paisagem sonora de filarmônicas. Bob Marley foi um compositor, guitarrista e um cantor jamaicano, conhecido como o maior responsável a tornar o reggae um ritmo conhecido mundialmente. Em sua vida foi um dos maiores representantes do movimento religioso Rastafári. Bob Marley e seu amigo O'Riley Livingston, começaram a fazer música e usavam instrumentos improvisados. Marley formou, junto com Bunny e Peter, um grupo de reggae denominado Wailing Wailers. Eles apresentavam o principal ritmo do país,

o ska, de onde surgiu o reggae, que tem como base uma mistura de sons africanos com o rhythm & blues (R&B). Cachoeira é conhecida por sua história com as filarmônicas como o grupo Minerva Cachoeirana, fundado em 10 de fevereiro de 1878 pelo maestro Eduardo Mendes Franco. Nascido em Cachoeira, Eduardo Franco foi regente da extinta Orquestra D’Ajuda. Aos 26 anos de idade constituiu a Sociedade Philarmônica do Comércio, posteriormente denominada Minerva Cachoeirana, em homenagem à Minerva, deusa das artes, da ciência e do comércio. No começo a Minerva Cachoeirana foi conveniente a sua organização social que congregava os comerciantes, dentre eles em destaque Sabino de Campos, advogado, poeta, escritor e autor da letra do Hino da Cachoeira. Existe uma pequena diferença entre orquestra filarmônica e orquestra sinfônica, As orquestras sinfônicas são zeladas pelo poder público, dentro das esferas municipal, estadual e federal. Sendo que as filarmônicas são orquestras financiadas por associações, empresas privadas, ou demais grupos de pessoas. Essas instituições buscam adquirir recursos para a manutenção da orquestra e não possuem fins lucrativos. O termo “filarmônica”, que tem o significado “amor pela harmonia”, possui o mesmo prefixo grego phylos que aparece em “filantropia”, o amor pela humanidade, e “filosofia”, o amor pelo saber. O território é importante para a construção de cultura e identidade de um indivíduo, é dentro da comunidade que os jovens tem seu primeiro contato social e impacto com a realidade, a identidade é construída diariamente. Existe uma grande presença de afrodescendentes em Cachoeira que se originou devido a seu período escravista, isso acabou gerando sua diversidade cultural, mostrando que o tempo não apagou o legado da civilização africana. A música transforma a vida de uma pessoa e a incentiva a vivenciar a arte, quando um jovem

aprende um instrumento musical ele tem seu primeiro contato com regras e responsabilidade, a Orquestra Reggae de Cachoeira tem incentivado diversos jovens a participar de seu grupo, esse ato é de grande importância para a comunidade de Cachoeira, trazendo cultura e representação, essa ação tem melhorado a condição de vida de diversos jovens, tirando eles de suas situações precárias, essa inclusão é indispensável. Cachoeira é uma das cidades baianas que mais preservaram a sua identidade cultural e histórica, com as presenças de seu casario barroco, das suas igrejas e museus, levou a cidade a alcançar o status de “Cidade Monumento Nacional”. Cortada pelo Rio Paraguaçu, o município também é notabilizado pela cultura dos séculos 18 e 19 e pela sua religiosidade, onde os rituais católicos se misturam com os preceitos do candomblé. As manifestações culturais em Cachoeira têm resistido ao tempo, mantendo suas características originais. O samba-de-roda, considerado pelo Ministério da Cultura como Patrimônio Imaterial Brasileiro, é uma arte trazida pelos escravos e que atualmente seus descendentes a praticam de forma original. Outra tradição que está sendo mantida é a da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, formada por mulheres negras, com mais de 50 anos de idade, todas descendentes de escravos. O projeto Orquestra de Reggae de Cachoeira proporciona uma ligação entre a tradição das filarmônicas do Recôncavo e o reggae jamaicano. Nosso intuito nesta pesquisa é compreender como se dão as relações entre gêneros musicais, territorialidades e raça, para pensar na formação de culturas transnacionais ambientadas em espaços oriundos da diáspora africana. Partindo do conceito de cena musical afrolatina (GUMES, 2021) vamos tentar entender como essa cena de reggae se materializa na cidade de Cachoeira e sua relação com as filarmônicas, a partir de entrevistas, análise de canções e shows.

Estudos críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo Baiano: Cadernos Trilhos – Coleção Literaturas do Recôncavo, dedicado a Aidil Araújo Lima

Beatriz de Almeida da Silva
Rubens da Cunha
CNPQ

Entre 2016 e 2020 executamos o projeto de pesquisa “Mapeamento e estudos críticos das literaturas do Recôncavo Sul”. O projeto de pesquisa “Estudos críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo Baiano” deu continuidade a esse trabalho, porém, focando nos estudos críticos das obras dos escritores mapeados pelo projeto anterior. Além dos estudos críticos, outro objetivo do projeto foi o de criar uma série de cadernos especiais, publicados semestralmente, dedicados a autores e autoras do Recôncavo. Tais cadernos são compostos por uma entrevista, um estudo crítico das obras, bem como uma breve antologia de textos e são publicados na Revista Trilhos (revistatrilhos.com). Essa apresentação traz os resultados parciais da elaboração do 2º Caderno Literaturas do Recôncavo, dedicados à escritora Aidil Araújo Lima. No encontro com a Aidil, muitas das flatulências cotidianas foram extintas quando compartilhamos os nossos mundos-palavras-afetos. Água doce e mar, Ogum e Oxóssi, Recôncavo, Salvador. Natural de Cachoeira, cidade com referência histórica situada no Recôncavo da Bahia, Aidil Araújo Lima cursou Filosofia e Jornalismo, atuou como professora e, no momento, reside em Belém, área rural do município, com o intuito de se dedicar inteiramente à literatura. A escritora impulsiona com frequência os univer-

sos alusivos da crônica e do conto. Ela nos disse, num diálogo intervalado entre os cigarros e os goles de café, quais as fontes que bebe para escrever. Aidil escreve como quem também come pelas beiradas das histórias comuns de mulheres que conheceu em seu caminho. Um pedacinho ali, outro aqui, e o banquete do final da tarde está completo: um novo livro, uma nova história no mundo, do mundo. Quando convidada para participar do projeto, visualizei as imagens que poderiam compor o material visual que mais tarde produzimos durante o encontro com Aidil. Ainda desfamiliarizada com a biografia desta, reconheci na sua escrita o imagético das mulheres de quem contara. Aidil traduz o cotidiano dessas mulheres e compor esse encontro iluminou os caminhos que a escrita pode percorrer: não há fronteiras para as palavras de uma mulher negra. Como subproduto desse processo, produzimos dois materiais como contra-resposta ao projeto, sendo eles: um vídeo mostrando fragmentos da entrevista que realizamos com a autora no dia do encontro, utilizando sua própria história e perspectiva de Aidil sobre a sua fonte de escrita e trajetória como escritora; o outro material foram fotografias feitas no processo em prol de registrar e compor o material visual do 2º Caderno Trilhos - Coleção Literaturas do Recôncavo

Estudos críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo Baiano: 1 Caderno Trilhos - Coleção Literaturas do Recôncavo: Deisiane Barbosa – Andarilha de Cartografias Insólitas

**Aline Souza Mota Nogueira
Rubens da Cunha
IC Voluntário UFRB**

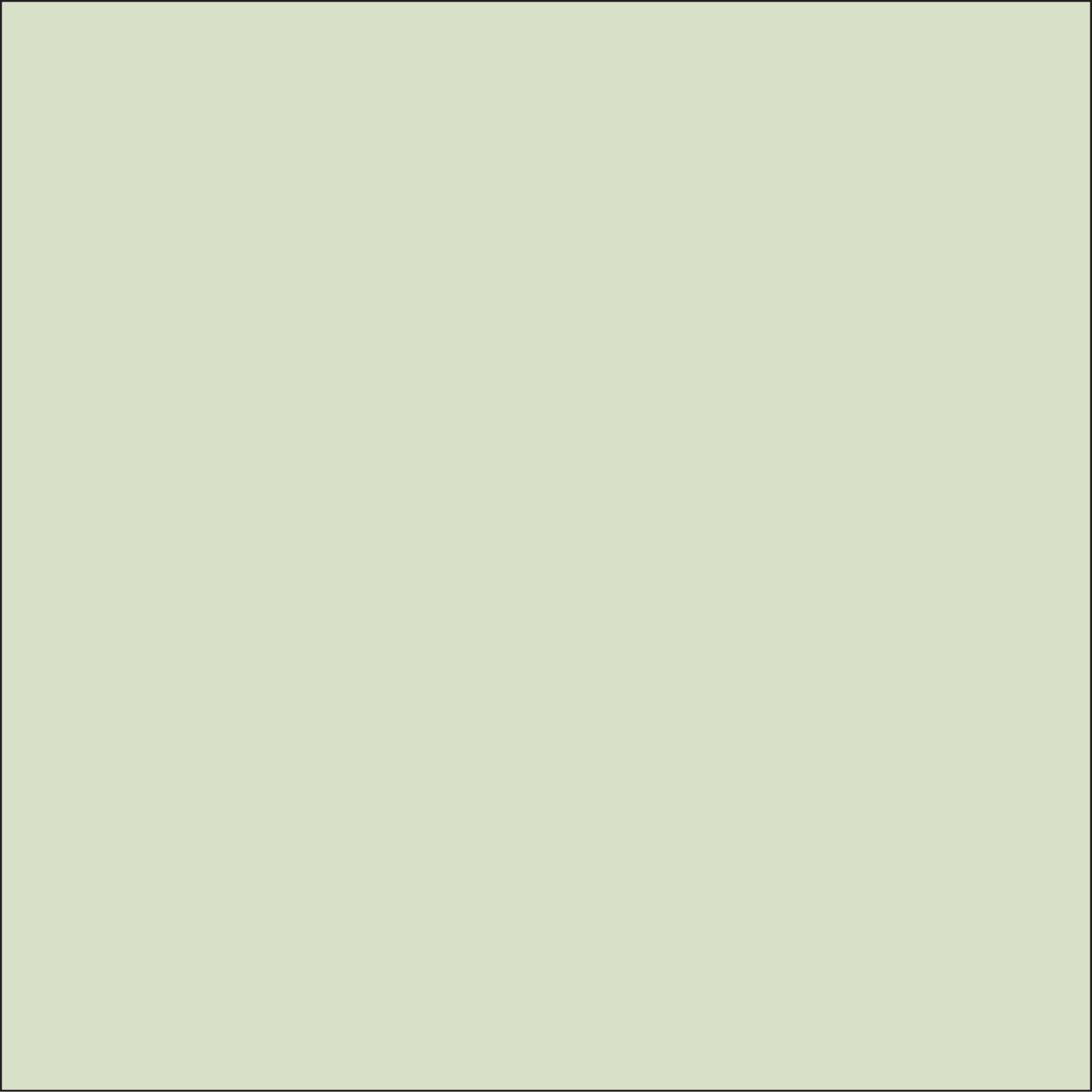
Entre 2016 e 2020 executamos o projeto de pesquisa “Mapeamento e estudos críticos das literaturas do Recôncavo Sul”. Além do mapeamento, foram feitos diversos estudos críticos que resultaram na publicação de artigos, apresentações em congressos, e serviram de base para componentes ministrados na graduação e pós-graduação no CECULT, bem como oficinas de criação literária. O projeto de pesquisa “Estudos críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo Baiano” está dando continuidade a esse trabalho, porém, focando nos estudos críticos das obras dos escritores mapeados pelo projeto anterior. Parte desse projeto consiste em publicar uma série de cadernos dedicados a escritores e escritoras mapeados e estudados pelo projeto. Neste trabalho apresentaremos o primeiro desses cadernos, dedicados a Deisiane Barbosa. A edição número um da Coleção Literatura do Recôncavo foi lançada em maio de 2022, como um caderno especial da revista científica Trilhos 1 . O caderno foi organizado por estudantes de graduação do CECULT, voluntários no projeto e por professores do Centro. O caderno é dividido em capítulos, cujos títulos partem da poética da andarilhagem, que expõe a pesquisa e a experimentação da autora. Os desdobramentos no percurso da edição convocam os leitores a passearem pela cartografia desenhada por Deisiane,

através de palavras e imagens. São cinquenta e nove páginas de um caminho repleto de arte e poesia. O caminho pela revista é traçado da seguinte forma: “Seguindo algumas pegadas”, capítulo em que apresentamos o ponto de partida para o caminhar de Deisiane Barbosa pelo seu processo criativo, bem como apresenta suas obras; “Pontos de parada em Desavesso”, “Pontos de parada em Refugos” e “Pontos de parada em Cartas à Tereza”, nos quais são apresentados uma seleção de textos das três produções da Deisiane. Em “Uma conversa enquanto se anda: ‘caminhar e sonhar é a teimosia que persiste’” apresentamos uma entrevista com a autora. “Leitura andarilha 1: as imagens ardentes de Deisiane Barbosa”, “Leitura andarilha 2: sob o olhar de uma Tereza” e “Leitura andarilha 3: memória e cotidiano em Cartas à Tereza”, trazem ensaios produzidos pelos participantes da organização do caderno, nos quais deixaram registradas suas impressões acerca das leituras das obras. Finalizando a edição, é apresentada a seção “Os mapas” com todas as referências que embasaram teoricamente os escritos.



SESSÃO V

Cultura e Saúde na pandemia



Práticas fora da caixa: experiências de professoras e professores de artes da rede pública de ensino de Santo Amaro

Terra Queiroz
Lia da Rocha Lordelo
CNPQ

Este plano de trabalho, integrante do projeto de pesquisa intitulado PALESTRA PERFORMANCE: ARTE, ENSINO E HIBRIDAÇÕES, teve como principal objetivo conhecer e descrever o perfil de professores e professoras de linguagens artísticas do município de Santo Amaro e suas localidades. Além disso, buscamos compreender as comunalidades e tensões entre professores e artistas na região, e explorar trajetórias e experiências práticas de professoras e professores, com ênfase em práticas alternativas que escapem dos roteiros tradicionais da sala de aula. Para isto, procurou-se, a partir da experiência da discente no PIBID, fazer um levantamento de professoras e professores de artes nas redes pública e privada do município de Santo Amaro; em seguida, foi feito o contato e entrevistas exploratórias com professoras e professores de artes. Por estarmos vivendo a pandemia de COVID 19, os contatos e entrevistas foram feitos de forma remota. Para a construção dos dados, foram feitas entrevistas com três profissionais, sendo um homem e duas mulheres. Os encontros para a coleta de dados se deram de forma remota, e às vezes, assíncrona (por meio de mensagens de áudio trocadas via telefone celular). Após essa etapa das entrevistas e com o auxílio da literatura sobre o tema, foram criados blocos temáticos para organizar os dados construídos. Os

blocos temáticos foram: 1) dificuldades enfrentadas no processo de ensino; 2) práticas alternativas que escapem dos roteiros de sala de aula e 3) os processos de formação de cada pessoa. Com a análise de tais temas, foi possível entender de maneira prática as dificuldades que são impostas nesses espaços relacionadas ao ensino de artes enquanto algo crucial e necessário para a formação humana. Foi possível perceber também que o comprometimento pessoal e o afeto são elementos fundamentais no enfrentamento das precariedades e demandas desses profissionais.

Modos de (sobre) viver a pandemia COVID 19 em Santo Amaro (BAHIA): os estudantes da UFRB

Maikon de Jesus Nascimento
Ana Maria Freitas Teixeira
FAPESB

A pandemia de Covid-19 afetou todo o planeta e impôs novas regras e hábitos sociais para a população mundial. A comunidade acadêmica teve sua rotina diretamente afetada, inclusive, com a suspensão das atividades presenciais. A vida dos estudantes foi tocada em suas múltiplas dimensões. Assim, a pesquisa buscou analisar os impactos da pandemia na dinâmica cotidiana dos estudantes de graduação da Universidade Federal do Recôncavo, especialmente aqueles que moram em Santo Amaro, onde se localiza o Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias. Adotou-se uma metodologia qualitativa para melhor compreender o fenômeno estudado em sua magnitude. Para produção dos dados foi adotada a entrevista individual como instrumento central. As entrevistas foram orientadas por um roteiro temático previamente elaborado. A fim de respeitar os protocolos de segurança sanitária as entrevistas se efetivaram de modo virtual e foram registradas e posteriormente transcritas. A fim de estabelecer o contato com os estudantes foi adotada a técnica de bola de neve com indicações sucessivas. Foram efetivadas 5 entrevistas posteriormente transcritas. O material foi analisado com base nos temas centrais que orientaram a elaboração do roteiro. Os estudantes registram a amplitude dos impactos que a pandemia produziu em suas vidas, tais como:

desorganização da vida de estudante, dificuldade em acompanhar as aulas remotas devido a limitações técnicas e de orientações, dificuldades financeiras, o convívio social, o medo do contágio, estudantes frustrados, angustiados, ansiedade elevada, desespero, medo de morrer, e pensamentos de que as coisas não serão mais as mesmas, a sensação que os dias se repetem, são alguns relatos contados nas falas dos estudantes entrevistados. São estudantes com perfis distintos, porém as realidades/relatos se aproximam. Dando a possibilidade de compreender todo esse movimento da pandemia que cada estudante presenciou e que talvez ainda continuem presenciando, sendo assim a importância de trazer as falas pra dentro da pesquisa e compartilhando esse momento de cada aluno entrevistado serviu para que se colocasse a vivência da realidade desses alunos mais abrangente, talvez esse processo seja ainda mais trabalhoso mas que ajudara a compreender como foi. E assim as expectativas de desenvolver o projeto se tornou ainda mais satisfatório no processo de investigação

Trabalhadores do sistema único de saúde: o silenciamento e os impactos durante uma crise sanitária

Atila Neris Britto
Ana Maria Freitas Teixeira
PIBIC UFRB

Com o intuito de apurar e entender o período pandêmico na cidade de Santo Amaro da Purificação, mais, especificamente, com o objetivo de uma análise dos impactos no cotidiano dos trabalhadores do Sistema Único de Saúde da localidade, iniciou-se um trabalho de pesquisa sobre os desdobramentos desse cenário sobre aqueles que atuaram na linha de frente do combate ao Covid-19, entre 2020 e 2022. A metodologia adotada foi de cunho qualitativo a fim de colocar no centro do estudo a fala desses sujeitos. A entrevista foi o instrumento central para a produção de dados adotando os parâmetros da preservação da identidade dos participantes. A fim de melhor direcionar a realização da entrevista foi elaborado um roteiro, cuja finalidade esteve voltada para o entendimento dos impactos físicos e psicológicos ocasionados aos trabalhadores da área de saúde durante esta mesma crise sanitária. A adoção de um roteiro para as entrevistas serviu para entender não apenas as fissuras e demandas existentes no contexto hospitalar, mais também a relação dos profissionais com os pacientes e os altos níveis de contaminação; as suas primeiras considerações ao vírus; o planejamento e as dificuldades encontrados pelo governo local; o desenvolvimento das campanhas de vacinação; os cuidados e restrições necessários durante a volta ao lar. Foi realizada uma

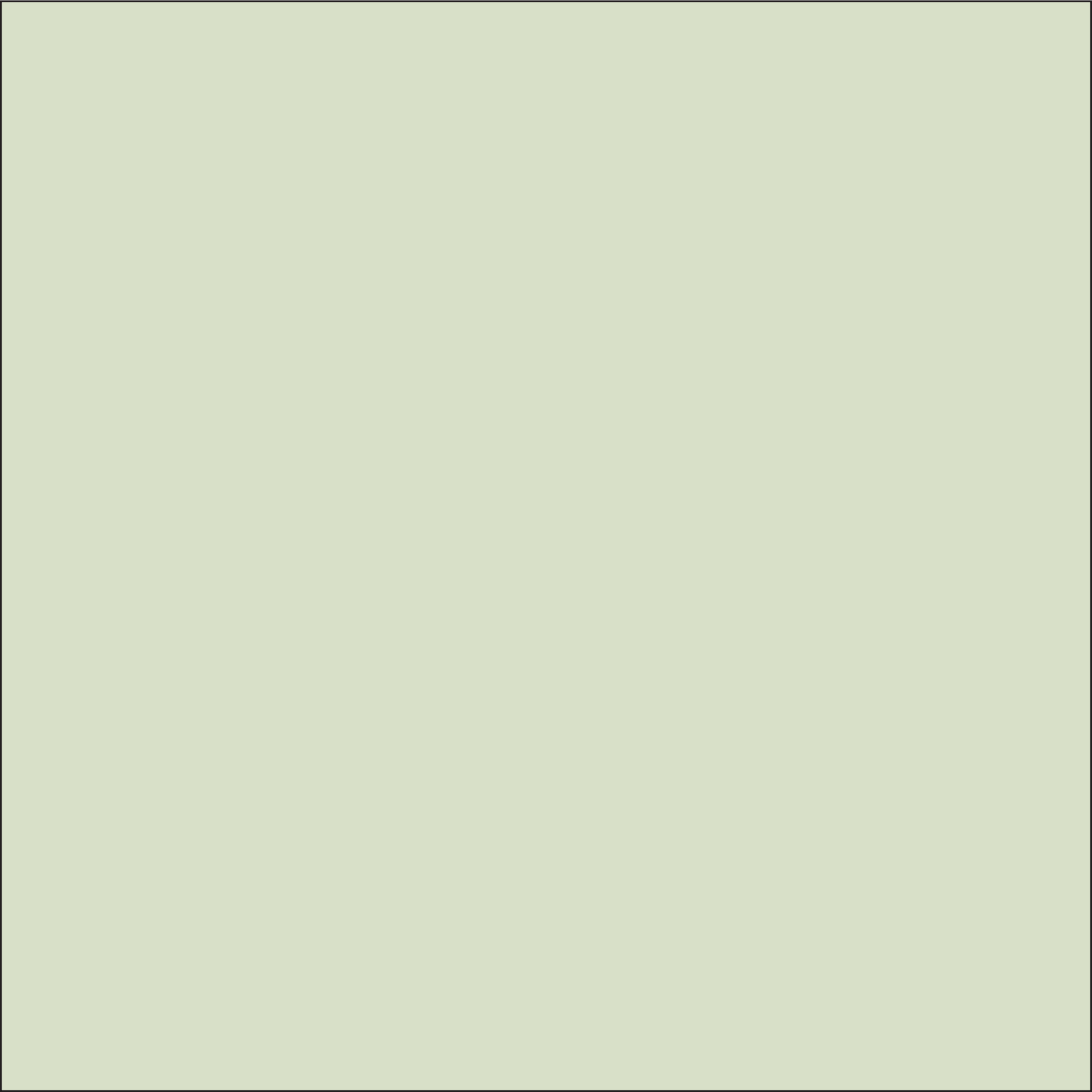
entrevista com a enfermeira Roberta, uma das profissionais que atuaram na linha de frente em combate ao Covid-19, que foi transcrita para análise. A partir desta análise foi possível entender o funcionamento dos serviços de saúde disponibilizados pelo município que, por conta do contexto geográfico e político, tende a encarcerar informações gerando certa tensão nas relações de trabalho. Outro aspecto salientando na entrevista realizada refere-se a dificuldade em assegurar integralmente as condições de segurança no ambiente de trabalho seja aos trabalhadores seja a população ampliando o risco de contaminação. Paralelamente, foi possível identificar os impactos psicológicos e emocionais vinculados ao risco e ao medo de contaminação gerando tensão e insegurança no ambiente de trabalho. Surgiu, ao longo da pesquisa e com base nos relatos adquiridos na entrevista, uma noção do quanto os profissionais de saúde lidaram constantemente com grandes déficits no sistema de saúde do nosso país.

Modos de (sobre) viver à pandemia Covid 19 em Santo Amaro (Bahia): os usuários

Cordélia Pereira Costa
Ana Maria Freitas Teixeira
PIBIC UFRB

Este trabalho apresenta resultados parciais do Projeto de Pesquisa intitulado “Modos de (Sobre) Viver a Pandemia Covid-19 em Santo Amaro (Bahia): Trabalhadores e Usuários do Sistema de Saúde”. O Plano de trabalho desenvolvido teve como sujeitos centrais os usuários do Sistema Único de Saúde com o objetivo de coletar informações referente aos principais impactos que a Pandemia Covid-19 produziu sobre o cotidiano destes sujeitos quanto ao acesso aos serviços de saúde, identificação a adesão às medidas de proteção, envolvimento em ações de enfrentamento e argumentos elaborados para adoção/rejeição às práticas e comportamentos comprovadamente de prevenção. Para tanto, optou-se por uma metodologia de natureza qualitativa a fim de registrar as experiências vividas pelos sujeitos (os usuários) mediante a realização de entrevistas individuais para o que foram respeitados os protocolos de segurança diante da crise sanitária. As entrevistas foram realizadas mediante roteiro previamente elaborado buscando as falas dos sujeitos para entender como elaboraram e reelaboraram seus cotidianos diante da pandemia. Considerando a dispersão desses sujeitos no campo pesquisado adotou-se a busca ativa em diversos pontos da cidade e a técnica da bola de neve. Foram entrevistados usuários do SUS residentes em diversas localidades da cidade

de Santo Amaro atingindo uma total de 12 entrevistados com relatos importantes para a coleta de dados necessários para uma análise de como é viver e sobreviver com a Covid-19 na cidade. As entrevistas foram gravadas através de diferentes meios digitais. Segundo relato de uma entrevistada, durante a pandemia aconteceram algumas mudanças na forma de atendimento nos postos de saúde que ficou muito diferenciado, assim como arrumação de cadeiras separadas em filas, marcação de lugares no chão para filas, e obrigatoriedade do uso da máscara, lembrou também que da última vez que foi atendida no posto de saúde, foi muito engraçado, porque um médico que é muito amigo dela, da mesa dele não saiu, para atendê-la, mesmo a sala sendo enorme, ele a atendeu com duas máscaras ela estava sentada em uma cadeira bem distante dele, e ele fazendo as perguntas com medo de chegar perto, a consulta foi toda assim, totalmente diferente esse atendimento ficando ela surpresa com a mudança de comportamento do médico. Os atendimentos estavam acontecendo em caráter de emergência, e se já era demorado, com a pandemia ficou mais difícil o acesso aos serviços do SUS, relatou também que só vai ao posto quando não tem jeito, e que fica mais fácil quando tem amizade com algum funcionário que trabalha lá, porque facilita e agiliza o atendimento.





SEMANA DE
**PESQUISA
& MOSTRA DE IC**
DO CECULT 2022

